

**FAV**

FACULDADE DE  
ARTES VISUAIS



**UFG**

UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE GOIÁS



MATRIZ-OBJETO:  
UM OLHAR AO  
ANTES

STELLA VITÓRIA VIEIRA DE URZEDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
**FACULDADE DE ARTES VISUAIS**

Stella Vitória Vieira de Urzedo

**MATRIZ- OBJETO:**  
**UM OLHAR AO ANTES**

Goiânia - GO

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES  
ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO  
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Stella Vitoria Vieira de Urzedo

Título do trabalho: Matriz-Objeto: um olhar ao antes

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda

com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período,

a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por Adriana Aparecida Mendonca, Professor do Magistério Superior, em 30/01/2024, às 08:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Stella Vitoria Vieira De Urzedo, Usuário Externo, em 30/01/2024, às 09:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site  
[https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0),  
informando o código verificador 4341152 e o código CRC 050A3A86.

Referência:Processo nº 23070.003010/2024-54

SEI nº 4341152

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**

**FACULDADE DE ARTES VISUAIS**

Stella Vitória Vieira de Urzedo

**MATRIZ- OBJETO:**

**UM OLHAR AO ANTES**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Adriana Aparecida Mendonça

Goiânia - GO

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Urzedo , Stella Vitória Vieira de  
Matriz-Objeto: Um olhar ao antes [manuscrito] / Stella Vitória Vieira  
de Urzedo . - 2024.  
LIII, 53 f.

Orientador: Profa. Dra. Adriana Aparecida Mendonça.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal  
de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia,  
2024.  
Bibliografia.  
Inclui fotografias.

1. Matriz-Objeto . 2. Gravura . 3. Criatividade -Criação. 4. Corpo. 5.  
Artes. I. Mendonça, Adriana Aparecida, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

### ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 25 dias do mês de janeiro do ano de 2024 iniciou-se, às 10h30 no Auditório da FAV/UFG, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado Matriz- Objeto: um olhar ao antes, de autoria de Stella Vitoria Vieira de Urzedo, estudante do curso Artes

Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Os trabalhos foram instalados pela orientadora e presidente da banca, Profa. Dra. Adriana Aparecida Mendonça (FAV/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Dr. Juan Sebastián Ospina Álvarez (Centro Universitário Estácio de Goiás) e Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota (N2) à estudante, com base nos critérios presentes na Ficha de Avaliação do TCC, considerando o TCC Aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por Adriana Aparecida Mendonca, Professor do Magistério Superior, em 30/01/2024, às 08:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues, Professor do Magistério Superior, em 30/01/2024, às 09:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Juan Sebastian Ospina Alvarez, Professor do Magistério Superior, em 30/01/2024, às 09:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 4332757 e o código CRC 421ED495.

Referência: Processo nº 23070.003010/2024-54

SEI nº 4332757

Defendido e aprovado publicamente em 25 de janeiro de 2024, pelos seguintes membros da banca:

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Adriana Aparecida Mendonça - Orientadora  
Universidade Federal de Goiás

---

Prof. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues - Avaliadora  
Universidade Federal de Goiás

---

Prof. Dr. Juan Sebastian Ospina Alvarez - Avaliador  
Universidade Estadual de Goiás

Goiânia-GO  
2023

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha família: mamãe, papai e minhas irmãs Yasmin e Mariana, que nunca me impediram de ser quem eu sou. Obrigada por sempre estarem ao meu lado! Amo vocês com todo o coração.

Agradeço aos meus amigos da faculdade, em especial Giovanna Peixoto, Rafaela Leobas, Heloísa Fermino, Duane Ribeiro e Thaysa Alarcão. Vocês estiveram comigo nos melhores e piores momentos da minha graduação. Obrigada por tudo, amo vocês!

Agradeço as minhas amigas da UFES, Maite Agrisi e Carol Velasco, que foram minhas primeiras companheiras nesse universo acadêmico da arte. Vocês são especiais demais, sinto saudades todos os dias. Amo vocês!

Agradeço aos professores que encontrei durante essa jornada acadêmica, dentro e fora da sala de aula. Vocês foram especiais e carregaram todo o aprendizado comigo até o fim. Obrigada!

Agradeço aos meus filhos de quatro patas que me mantiveram sã durante esses tempos turbulentos. Aos que se foram e aos que ainda estão comigo: Vocês são minha vida!

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer a mim mesma! Stella, sem você esse trabalho não existiria. Obrigada por superar todos os obstáculos e chegar até aqui. Você foi incrível!

A jornada foi longa, mas no final eu cheguei até aqui e nunca foi sem ajuda! Obrigada a todos!

## RESUMO

Matriz- Objeto: Um olhar ao antes.

A presente pesquisa surgiu da necessidade de entender sobre meu próprio processo artístico criativo. Escrevo sobre o que faço, como faço e para que faço. Nesses escritos, caminho por corredores e abro as portas de meus ateliês internos, chafurdando pelo que ali há, evocando corpos escondidos e matrizes entalhadas. Neste TCC traço um curso que vai da gestação ao nascimento da matriz e dos corpos, por fim chegando ao corpo-matriz. Como resultado, chego a não-conclusões, mas instigadores para o futuro que abarcam novos processos e novas descobertas ao corpo-matriz.

Palavras-chave: Matriz-Objeto; Gravura; Criatividade-Criação; Corpo; Artes.

## ABSTRACT

Matrix-Object: A look back.

This research arose from the need to understand my own creative artistic process. I write about what I do, how i do it and what I do it for. In these writings, I walk through corridors and open the doors of my internal studios, wallowing in what is there, evoking hidden bodies and carved matrices. In this TCC I trace a course that goes from gestation to the birth of the matrix and the bodies, finally arriving at the body-matrix. As a result, I arrive at non-conclusions, but instigators for the future that encompass new processes and new discoveries of the body-matrix.

Keywords: Matrix-Obect; Engraving; Crativity-Creation; Body; Arts.

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	4
<b>Matriz Criadora</b> .....	10
Produzi, logo pensei. Pensei logo produzi .....	10
Então a primeira porta se abriu .....	15
Outra porta se abre.....	16
<b>CRIAR, FORMAR E MATERIALIZAR</b> .....	22
Ser criativo .....	22
Matéria formada .....	26
<b>Do Corpo ao Corpo</b> .....	34
<b>(Não) Conclusões Finais</b> .....	46
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	48

# INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem início por meio de um convite, uma chamada para que mergulhem profundamente em meu ateliê imaginário. Este ateliê não é um local físico, mas um santuário repleto de memórias entrelaçadas, projetos elaborados, produções vívidas e momentos de euforia que permeiam suas paredes invisíveis.

Agora, abro amplamente as portas deste espaço, convidando a todos aqueles que nutrem o desejo de explorar seus mistérios e descobrir as camadas profundas que o compõem. É um convite para investigar e absorver a riqueza que reside nos recantos mais íntimos de meus ateliês.

Neste momento, apresento-me como a guia-narradora desta jornada pelos corredores desse ateliê imaginário. Assim, convido todos a embarcar nessa aventura, onde cada esquina revela uma nova faceta, uma nova história e onde as possibilidades são tão vastas quanto a imaginação.

Portanto, espero que recebam de braços abertos essa experiência, deixando-se envolver pela atmosfera de criatividade, descobertas e incertezas que permeia cada centímetro deste ateliê. Sejam bem-vindos a explorar o extraordinário e o efêmero que se entrelaçam neste espaço repleto de significados e possibilidades.

A ideia para esta pesquisa nasceu de necessidades internas, emanando das profundezas da jornada dual de uma artista e estudante. Foi durante um capítulo da minha trajetória acadêmica que percebi a importância de

explorar territórios inexplorados, de dar voz ao eu-artista e ao eu-estudante, ansiando por expressar algo significativo.

Enquanto me colocava imersa em momentos no ateliê, onde a produção artística se tornava o centro de tudo, me empenhei na busca por algo que fosse verdadeiramente motivador. Algo que desencadeasse uma cascata de euforia, provocando “borboletas no estômago”. Por sorte, encontrei essa chama ao me deparar com a gravura. Nestes momentos, a produção transformava-se em uma jornada envolvente, uma viagem através de corredores ainda não desbravados, onde cada porta aberta revelava uma nova e enriquecedora experiência.

Vale ressaltar que essa viagem nem sempre se desdobrava em cenários agradáveis; muitas vezes, enfrentei momentos questionadores de completo caos e toques de desespero. Contudo, era uma jornada única e pessoal, na qual eu era navegadora e condutora. Assumi a responsabilidade de conduzir-me por esses corredores, consciente de que, mesmo nos momentos menos aprazíveis, estava forjando uma experiência singular e autêntica, moldada por minhas próprias mãos e inquietações.

Ao percorrer esses corredores imaginários e desvendar as fechaduras dessas portas criativas, encontrava-me imersa na busca por algo mais profundo, algo que transcendesse a mera execução mecânica. Foi nessa jornada limitada, mas ao mesmo tempo expansiva, que descobri, na confecção de matrizes de xilogravura, a centelha que faltava – ou que se iniciava.

Cada gesto, cada movimento, transformava-se em uma sinfonia, onde o corpo e a produção se amalgamavam como numa dança. Das mãos que seguravam o giz, linhas e curvas eram delineadas. Do entalhe, emergia o vazio, uma promessa de possibilidades inexploradas. Dos próprios vazios, ganhavam forma às imagens, e das imagens, nasciam as matrizes, como se um universo criativo se desdobrasse diante de mim.

Finalmente, na interseção entre a expressividade do gesto, do movimento e a transformação do vazio em formas tangíveis, emergiu aquilo que a estudante-artista ansiava com fervor. Este foi o ponto culminante, a epifania tão ardentemente perseguida na trajetória artística, onde a busca incessante encontrou sua recompensa na materialização de ideias e na descoberta de um novo horizonte criativo.

Dessa forma, esta pesquisa surge com a finalidade de entender como meu processo de criação me levou até o entendimento das potencialidades plásticas existentes a partir da matriz de xilogravura feita por mim, elevando-a à condição de objeto artístico autônomo no âmbito do meu processo criativo individual. Por meio de uma abordagem prático-teórica fundamentada nas minhas próprias experiências artísticas, aprofundando-me principalmente nas nuances do processo criativo em si.

Neste trabalho de conclusão de curso, o fazer artístico não é apenas um meio para um fim, mas sim uma jornada intrincada e essencial, tão crucial quanto a etapa final da produção. Este TCC não é apenas um documento acadêmico; é uma narrativa que se desdobra a partir de um percurso pessoal singular. Meus momentos no ateliê

transcendem as fronteiras do espaço físico, transferindo-se para o papel, onde devaneios são traduzidos em palavras e obras que ganham vida própria.

Nesta pesquisa, busco também apresentar temáticas que se repetem em meu processo artístico, iniciando uma jornada que perpassa por esses temas e o que sinto ao vivencia-los. Desta forma, levarei este escrito como artista itinerante, entendendo que o amanhã ou até o mais tarde, guardam novas perguntas, novas faíscas e novas necessidades. Assim, minha metodologia se embasa principalmente e quase exclusivamente no experimentar e no fazer. Estudar meu processo e expressar o que esses momentos de criação significaram para mim e para a minha produção.

No corpo deste trabalho traçaremos uma linha de pesquisa em que primeiro entenderemos como cheguei até a matriz, quais percursos percorri e atitudes que tomei antes de me encontrar efetivamente. Em seguida partiremos para o capítulo em que me debruço sobre autores como Fayga Ostrower (1920-2001), que foram de fundamental ajuda em meu entendimento sobre criação, processo e criatividade. Além disso, aponto descobertas, experiências e problemas que enfrentei durante essa caminhada e externalizo como me desvincular de expectativas e resultados fez com que eu me reconectasse comigo mesma e com meu entorno, a partir do fazer e do produzir.

Em seguida, ainda no mesmo capítulo, parto para o campo da matéria e da forma. Falo de minhas compreensões sobre tamanhos e formatos dentro do meu fazer artístico, além dos desafios, relações e conexões ocasionados pela matéria sendo moldada. Falo de gesto e praticamente narro como funciona o meu

criar e a minha gestação artística. Falo também, de forma breve e entendendo que ainda trilho uma jornada que está em seu início, sobre a introdução da pintura em minha linguagem e técnica artística.

Em nossa jornada, mergulharemos na compreensão dos inúmeros "eus" e dos diversos "corpos" que se revelam por trás das múltiplas portas erigidas, especialmente nos últimos quatro anos. Almejo que percebam que este não é um relato centrado no eu-criança, naquele eu que sempre soube que trilharia o caminho da arte. Não, esta narrativa não orbita em torno desse "eu", pois ele jamais existiu. É sobre um eu recém-nascido, mas adulto. Que não aprende a andar, mas aprende a ser artista.

Então, chegamos ao último capítulo em que o corpo toma o foco. Assim, nessa etapa abordo alguns contextos históricos relacionados a essa temática e falo também sobre gesto e ação criativa. Me desloco para a aparição do corpo em meu fazer e nas descobertas ocasionada por esse elemento que se tornou quase que minha assinatura. Me desloco também para os momentos iniciais em que o corpo se mostrou para mim e como foram surgindo particularidades estéticas em minha obra. Ressalto aqui, caro leitor, que durante toda essa pesquisa, trago apenas uma vez a produção artística de outra pessoa. Tomei essa decisão por puro egoísmo. Isso mesmo! Nessa pesquisa quis tratar apenas sobre mim pois, durante toda essa jornada que me trouxe até aqui, nunca me aprofundei no fazer de outras pessoas e fazer isso agora serviria apenas para efeito de comparação ou validação, algo que não busco nesse relato. Assim, espero que entendam minha decisão.

Seguiremos pelos corredores, entrando em ateliês e descobrindo o que cada um esconde o que cada um expõe. Falaremos sobre forma, sobre matéria, sobre corpo e sobre objeto. Que essa jornada que você, leitor, inicia agora, seja agradável, mas que intrigue. Que seja curiosa e não muito esclarecedora, mas questionadora. Escrevo mais para falar do que para que leiam, mas que quando for lida, que aproveitem.



## A Matriz criadora

Por um longo período, questionei-me intensamente sobre a abordagem que adotaria para conduzir esta pesquisa. Indagava-me sobre o tema a ser explorado, a forma de apresentação, os métodos a empregar. Uma ânsia pulsante e um desejo avassalador de alcançar uma originalidade extraordinária, tanto na expressão escrita quanto nas criações concebidas. Inegavelmente, esse desejo manteve-se como tal: uma aspiração.

Consequentemente, as portas do meu inconsciente permaneceram por um tempo trancadas. As vontades se aprisionavam junto com as ideias, e a artista se encontrava em meio a corredores vazios, desprovida de qualquer chave nos bolsos. Assim, persisti por um período considerável, uma errante perdida e desacreditada até a exaustão.

A transformação surgiu da maneira mais simples e, ao mesmo tempo, mais complexa que se poderia imaginar: através da produção. Foi no ato de criar que as chaves começaram a surgir, desbloqueando as portas antes cerradas. Por sorte, a inspiração me encontrou enquanto eu estava trabalhando. O processo de produção não apenas desencadeou uma metamorfose, mas também trouxe consigo uma redescoberta da confiança perdida e a necessidade de uma nova visão artística.

***Produzi, logo pensei. Pensei, logo produzi.***



Figura 1 – fotografia em ateliê - 2023. Fonte: acervo pessoal

O fazer surgiu movimentando um rio de fluxo lento, quase inexistente. Criou uma enxurrada e dessa enxurrada surgiu a Matriz. Da própria acepção da palavra surge o gesto: “Lugar onde algo é gerado e/ou criado” (MATRIZ, 2023)<sup>1</sup> Aqui chego ao momento em que tudo começou. Onde a faísca finalmente se acendeu para que a artista-estudante enfim pudesse respirar um pouco mais aliviada.

Voltemos um pouco ao passado. Minha produção era toda voltada para experimentações, testes, erros e acertos. Tinha na gravura um porto seguro em que o fazer me agradava, ideias surgiam e eu as concretizava. Desde a madeira até o plástico e alumínio, gravuras e mais gravuras eram feitas e impressas. Um constante movimento que em dado momento se tornou automático como numa linha de produção. Entalha, entinta, imprime. Arranha, entinta, imprime.

---

<sup>1</sup> “MATRIZ “ acessar em: RISCO. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/matriz/> </>. Acesso em: 16/08/2023.



Figura 2 – compilado de testes - 2023. Fonte: acervo pessoal

O porto seguro não parecia mais tão firme assim. O automático e estável era agora cansativo. O que estava errado? O que era preciso ser feito de diferente para que o processo encaixasse em minha cabeça? Eram muitas perguntas e apenas em ateliê elas poderiam ser respondidas – ou talvez não, mas eu tive sorte. Voltei-me para a produção frenética, analisava detalhes e por horas olhava minhas impressões e buscava algo *mais*. Buscava o que faltava e o que precisava ser adicionado.



Figura 3 – fotografias em ateliê - 2023. Fonte: Acervo pessoal

Não funcionava. Nada funcionava. O processo parecia inútil já que nenhum resultado me agradava. A falha auto imposta se tornou cansativa e o fazer se esvaziou.

Estou sendo dramática, no mínimo, mas há quem diga que esse é um estereótipo do artista, e acredito que uma pitada de drama é essencial. E foi nesse drama todo que as coisas começaram a se alinhar.

***Então a primeira porta se abriu.***

“O processo parecia inútil já que nenhum resultado me agradava” <sup>2</sup>

Olhando de onde estou hoje, acredito que esse tenha sido o meu primeiro erro. A primeira corrente que me atou ao chão naqueles momentos de estagnação. Ignorar o processo e pensar apenas no resultado limitavam minha produção e limitavam o criar. “[...] pode dizer-se que a atividade artística consiste propriamente no "formar", isto é, exatamente num executar, produzir e realizar, que é, ao mesmo tempo, inventar, figurar, descobrir” (PAREYSON, 1993, p.26)

Esse desassociação com o processo e aprisionamento com o resultado foi, como dito antes, meu primeiro erro e o mais desnorteador. Essa falta do *formar*, e aqui evoco Luigi Pareyson (1918-1991) para esta conversa quando ele diz em seu livro “Estética: teoria da formatividade”:

---

<sup>2</sup> Autocitação página 15

A operação artística é um processo de invenção e produção, exercido não para realizar obras especulativas ou práticas ou sejam lá quais forem, mas só por si mesmo: formar por formar, formar perseguindo somente a forma por si mesma: a arte é pura formatividade.

Certamente, essa "intencionalidade" nada tem a ver com a vontade prática, pois não basta querer fazer arte para efetivamente fazê-la, nem se pode propriamente dizer que para poder fazer arte seja necessário querer fazê-la. (PAREYSON, 1993, p.26)

*O formar por formar. Pensar, ver e sentir pela forma (PAREYSON, 1993). Não faltava algo nas minhas obras, faltava no meu formar. Eu me orientava sempre para o fim, mas não existe um fim sem um meio e foi nesse meio que me encontrei novamente.*

### ***Outra porta se abre***

Você se lembra quando eu disse que algo faltava em minha produção? Um algo *a mais*? Pois bem, eu tentava solucionar esse sentimento literalmente adicionando coisas ao papel da impressão, como por exemplo a linha de costura. Cheguei a bordar em papel [fig. 4] acreditando que algo precisava saltar da folha pois faltava o *sentir*, faltava o sacio do toque.

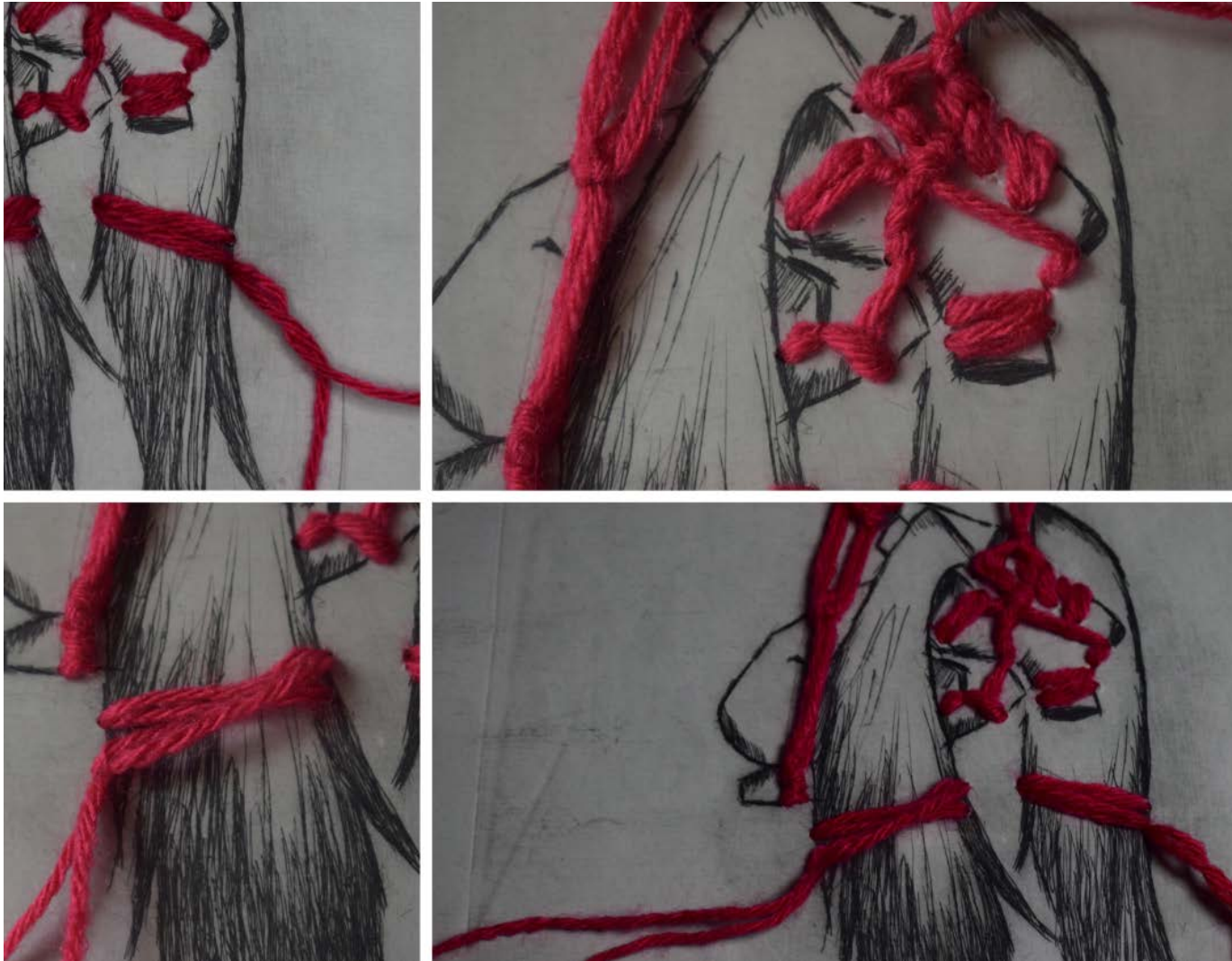


Figura 4: - sem título – Stella Vitória - 2023 - gravura sobre papel e linha de lã 29,7 x 42 cm – acervo pessoal.

Após pôr em prática algumas ideias, descobri que essa não era a resposta. Chega de linha e agulha, não era sobre isso! Passei por novas produções até que em algum momento do processo de fazer uma matriz, em um pequeno gesto casual e simples de deslizar as minhas mãos pela peça eu enfim senti. Senti a ranhura, senti a aspereza, senti a linha e senti o vazio.

É importante observar o que parece contraditório na sua própria obra e nas obras dos artistas estudados. Durante o processo, podemos perceber coisas inusitadas. Muitas vezes, os artistas falam de impressões que só eles tiveram, ou de sensações e percepções singulares. (REY,2002, p.136)

Ora, era isso!

Confidencio a você, leitor, que me senti como numa cena de filme em que o protagonista arregala os olhos ao enfim ter a visão completa de uma situação que o afligia. Minha produção me presenteou com a resposta que me faltava até então: era a matriz.



Figura 5: Sem título - Stella Vitória , 2023 - matriz de xilogravura em Eucatex; dimensões: 87x76 cm – acervo pessoal.

Posso correr o risco de parecer repetitiva em certos momentos deste escrito, mas quero que saibam que a repetição foi importante para o meu próprio entendimento. Aquela mesma repetição que me drenava enfim me doou o que faltava. Na verdade, o que não faltava!

Nunca foi sobre algo *a mais* ou extrapolar o papel. Entendo agora que sempre foi sobre o antes, o meio. Na matriz eu tinha tudo que me era necessário: O gesto, a forma, o cheio e o vazio. A matriz era tanto o meu processo quanto o meu resultado.



# CRIAR, FORMAR E MATERIALIZAR

## Ser criativo

Neste capítulo, exploro os escritos de Fayga Ostrower (1920-2001) em sua obra "Criatividade e processos de criação" (1987). Trago meus próprios entendimentos desenvolvidos durante minha trajetória acadêmica em consonância com reflexões apresentadas pela autora. Ao incluir a voz de Fayga na discussão, reconheço e exalto a forte conexão que senti ao me deparar com seu texto e trabalho.

Cada conceito, explicação, tema e discussão delineados por Ostrower se integraram de maneira significativa com as experiências que vivenciei e continuo vivenciando ao longo deste trabalho. A profundidade de suas ideias enriqueceu minha compreensão, proporcionando um quadro que sobrepuja as fronteiras teóricas e se aplica ao contexto prático e vivencial.

Enfim, já que meu objeto de estudo - a matriz - foi desvendado anteriormente, uma série de desdobramentos fascinantes começaram a se manifestar — em quantidade reduzida, mas ainda assim, presentes. No âmago da prática e das produções, ideias antigas entrelaçavam-se com as mais recentes, dando origem a uma miríade de novas questões: qual o tema a ser explorado, quais os tamanhos mais adequados, como expressar formas e cores. Uma amálgama de concepções tentava encontrar um ponto de equilíbrio em meio a uma vivência caótica

pós-pandemia, marcando o "início" do fim de uma graduação que passou como um borrão, e de uma mente pulsante de pensamentos incessantes.

O descompasso entre o tempo e o espaço gerava uma confusão desconcertante em minha cabeça; tudo ocorria em um ritmo acelerado demais, um frenesi que minhas pernas não conseguiam acompanhar. Minha mente, por sua vez, operava em um compasso mais lento do que o necessário, resultando em um presente tumultuado, tão caótico quanto antes. Fayga diz que "Nós todos temos os nossos medos. E sentimos que a criatividade envolve a nossa produtividade, nossa capacidade básica de dar, e de poder receber" (OSTROWER, 1987, p.30). Nesse momento minha capacidade como ser criativo, ser que poderia dar e receber estava severamente afetada. No entanto, mesmo diante do acúmulo de temores, no final das contas, me restava a arte, e ela se revelava mais do que suficiente.

Foi precisamente no auge dessa tempestade que pude discernir a significativa importância que o processo criativo e suas complexidades desempenhavam em minha pesquisa e produção artística. Tratava-se de mais do que apenas seguir uma abordagem convencional de criar com o propósito rígido de concluir e atingir um resultado final<sup>3</sup>. O ato de criar, para mim, se libertou dessa concepção por vezes limitante, transformando-se em uma oportunidade de vivenciar e explorar um momento que emergia de maneira singular a partir da minha

---

<sup>3</sup> Evidentemente é sempre gratificante finalizar uma peça artística. Ressalto que todo o meu apreço pelo processo externalizado ao longo desta pesquisa, de forma alguma invalida a necessidade de em certos momentos chegar ao fim de uma produção.

interação com o ambiente ao meu redor. O ato de criar, contendo em si toda a minha capacidade de compreender e significar (OSTROWER, 1987, p.9).

Nesse contexto, o processo criativo tornou-se um meio de imersão profunda na experiência, desvinculado de expectativas pré-definidas e orientado pela exploração autêntica. Cada ação, cada escolha estética e cada instante de reflexão constituíam uma jornada única, moldada pela interação entre minha percepção e o contexto que me cercava. Essa abordagem dinâmica redefiniu a criação como um ato contínuo de descoberta, onde o resultado final era apenas uma parte do vasto tecido que se desdobrava durante o processo.

Criar não representa um relaxamento ou um esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer; e, em vez de substituir a realidade, é a realidade; é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. Somos, nós, a realidade nova. Daí o sentimento do essencial e necessário no criar, o sentimento de um crescimento interior, em que nós ampliamos a nossa abertura para a vida. (OSTROWER, 1987, p.28)

Ao me encontrar imersa em ateliês, frequentemente acreditava (erroneamente, já adianto) que deveria me distanciar de mim para permitir que a *artista*<sup>4</sup> emergisse. Parecia que tudo ao meu redor deveria desaparecer, como se apenas assim algo pudesse ganhar vida. Somente após um longo período, compreendi que essa abordagem era equivocada, pois tudo em minha obra estava intrinsecamente ligado a quem eu sou, mesmo

---

<sup>4</sup> Leia de forma dramática!

quando não tratava explicitamente de minha própria persona. Na verdade, o processo criativo não se restringia ao eu individual, mas abrangia meu ambiente, experiências, ações, relações e outros aspectos correlatos.

A percepção que conduzia à criação não emergiria do vazio, de um mundo fictício contido apenas em minha mente. Esse universo criativo precisava ser construído de algum lugar tangível e esse lugar era, como apontado anteriormente, meu cotidiano. Desde o momento em que abria os olhos pela primeira vez pela manhã até os últimos instantes do dia, cada elemento do meu dia a dia, interações, experiências, contribuiu e contribui de maneira única para a tessitura da minha expressão artística, desmistificando minha antiga ideia de que a criação surgia do nada. O criar sempre se voltava para seus quatro pilares: Relacionar, ordenar, configurar e significar. (OSTROWER, 1987, p.9)

O homem é um ser formador. Ele é capaz de estabelecer relacionamentos entre os múltiplos eventos que ocorrem ao redor e dentro dele. Relacionando os eventos, ele os configura em sua experiência do viver e lhes dá um significado. Nas perguntas que o homem faz ou nas soluções que encontra, ao agir, ao imaginar, ao sonhar, sempre o homem relaciona e forma. (OSTROWER, 1987, p.9)

A partir daí a necessidade de entender mais sobre meu processo criativo foi ficando cada vez mais pungente e sedenta. Eu criava porque queria, porque gostava, mas também porque precisava. Criar para compreender ou encontrar novas perguntas.

Nessa busca de ordenações e de significados reside a profunda motivação humana de criar. Impelido, como ser consciente, a compreender a vida, o homem é impelido a formar. Ele precisa orientar-se, ordenando os fenômenos e avaliando o sentido das formas ordenadas; precisa comunicar-se com outros seres humanos, novamente através de formas ordenadas. (OSTROWER, 1987, p.9)

## Matéria formada

Formar importa em transformar. Todo processo de elaboração e desenvolvimento abrange um processo dinâmico de transformação, em que a matéria, que orienta a ação criativa, é transformada pela mesma ação. (OSTROWER, 1987, p.51)

Atualmente, compreendo por que me dediquei tão intensamente aos grandes formatos quando se trata da matriz, pois é inevitável não mergulhar profundamente na obra. Torna-se um esforço integral do corpo para dar vida à criação. É como aprender a andar junto com a madeira; por vezes, os passos saem truncados, há cortes aqui e ali, esbarrões e tropeços, mas no final, o objetivo permanece o mesmo.

[...] a vida prática se desenrola através de movimentos que definem e delineiam, ou melhor, representam ideais, fins, tarefas, intenções, e através de movimentos que executam e realizam atos, hábitos, caracteres. De sorte que tanto o pensamento como a vida moral exigem o exercício daquela atividade realizadora e produtiva sem a qual nenhuma obra é possível. (PAREYSON, 1993, p.21)

A fibra me desafia de maneira peculiar, mas é um desafio delicado, nada violento e visceral, mas sim uma conversa com concessões. A produção de uma matriz desperta sensações únicas em mim e tudo começa com ideias fervilhando na mente, seguidas por rabiscos aqui e rascunhos ali, até a decisão final de "iniciar" efetivamente. Como Fayga diz: "Cada decisão tomada representa um ponto de partida, em um processo de transformação que está constantemente recriando o impulso que o gerou" (OSTROWER, 1987 p.26).

Assim, me volto para o fazer. O formar me guiou e me guia por todo o meu processo artístico. Realizar algo, inventar, criar a partir de mim (PAREYSON, 1993, p.12-13). A madeira é colocada no chão, geralmente maior do que eu, o que me obriga a me afastar e observar, por vezes me fazendo sentir como um predador. De maneira paradoxal, o afastamento é necessário para que eu possa me aproximar e ser finalmente convidada a entrar.

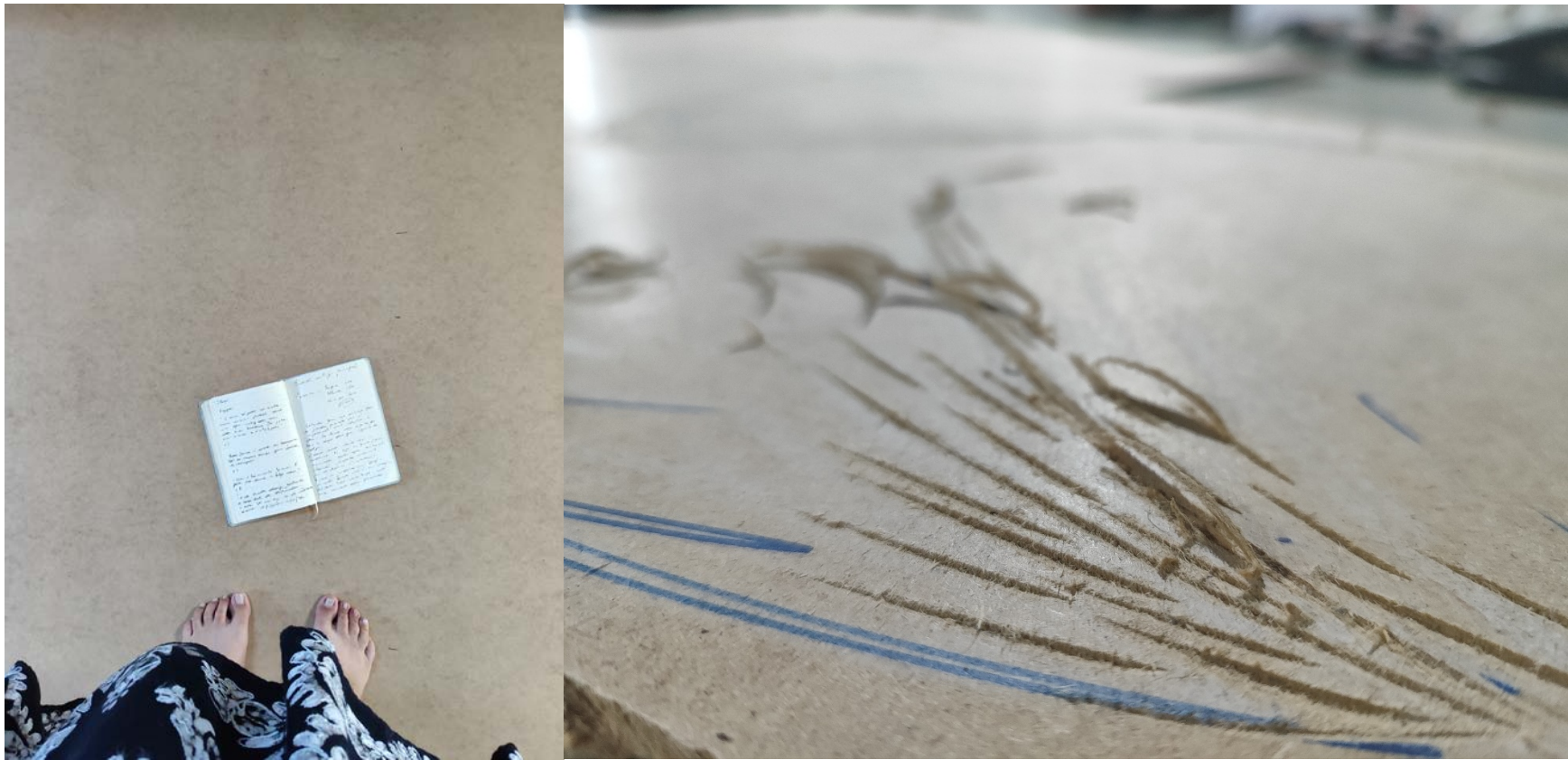


Figura 6 – colagem de fotografia de produção de matriz de xilogravura, 2023. Fonte: acervo pessoal

Tudo se torna gesto e tudo, no fim, se trata do gesto. Prostro-me, pego o giz e, com todo o corpo, traço linhas guias. Estico, observo, rabisco, afasto, aproximo, apago, refaço. Normalmente, demoro-me nesse processo, tanto pelo prazer quanto pela expectativa do que está por vir. Ao chegar à fase do entalhe, ocasionalmente me pego pensando que estou ferindo a fibra, o predador está de volta e pronto para atacar. Cada lasca retirada é uma agonia, razão pela qual não posso começar de qualquer jeito pois, uma vez feitas, as cicatrizes não podem ser apagadas ou esquecidas, são feridas eternamente expostas. De pequenas mortes a pequenos nascimentos que construo ao destruir (OSTROWER, 1987, p.26).

No trabalho, o homem intui. Age, transforma, configura, intuindo. O caminho em toda tarefa será novo e necessariamente diferente. Ao criar, ao receber sugestões da matéria que está sendo ordenada e se altera sob suas mãos, nesse processo configurador o indivíduo se vê diante de encruzilhadas. A todo instante, ele terá que perguntar: sim ou não, falta algo, sigo, paro... Isso ele deduz, e pesa-lhe a validade, eventualmente a partir de noções intelectuais, conhecimentos que já incorporou, contextos familiares à sua mente. Mas, sobretudo, ele decidirá baseando-se numa empatia com a matéria e, vias de articulação. Procurando conhecer a especificidade do material, procurará também, nas configurações possíveis, alguma que ele sinta como mais significativa em determinado estado de coordenação, de acordo com seu próprio senso de ordenação interior e o próprio equilíbrio. (OSTROWER, 1987, p.70).

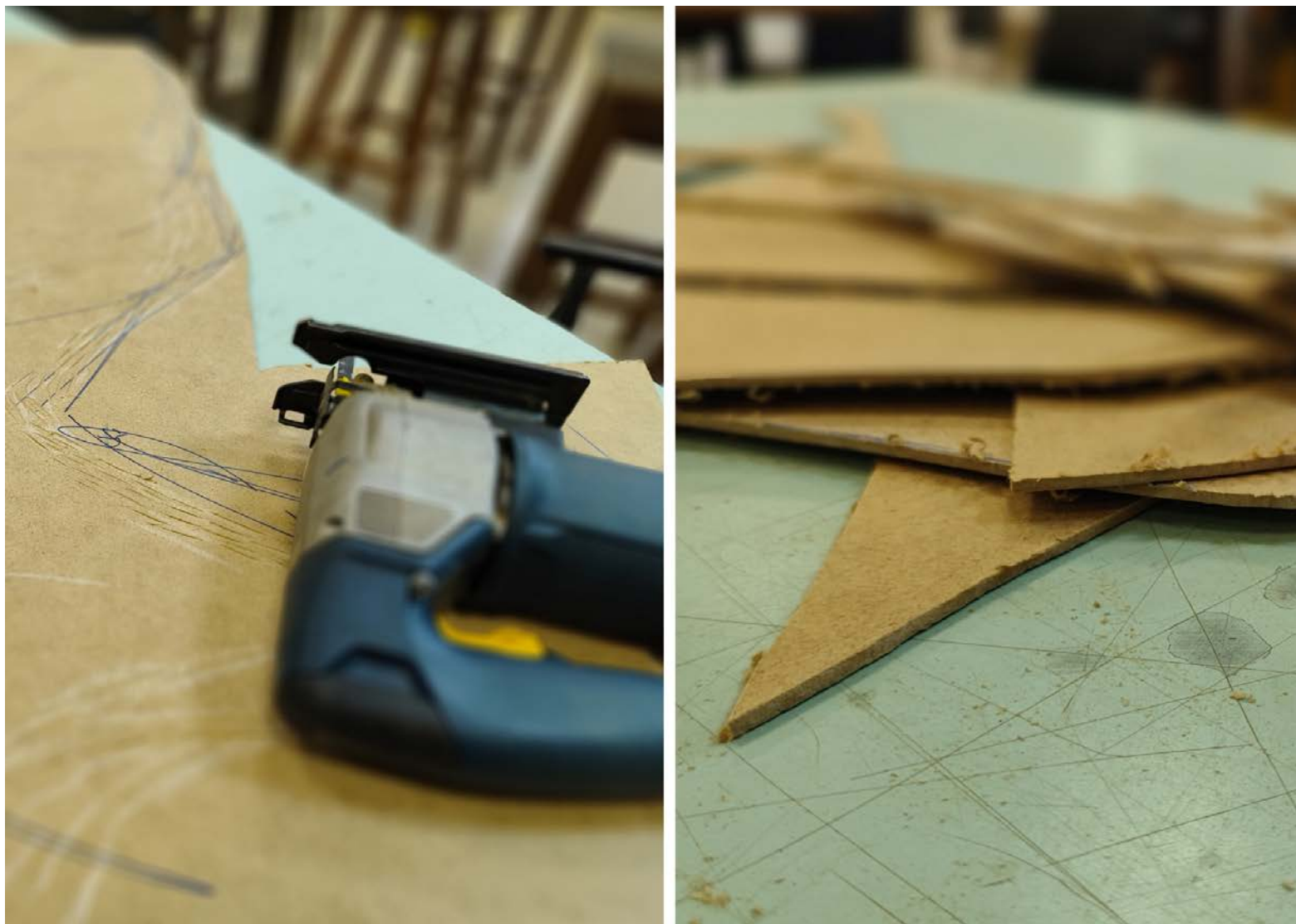


Figura 7 – colagem de fotografias de momentos em ateliê, 2023. Fonte: acervo pessoa

Volto ao pensamento de ferir as obras. Acredito que isso ocorra porque as enxergo como seres vivos, pulsantes, orgânicos e sensíveis. São meus pares, minhas criações, meus pedaços. No entanto, não apenas meus, mas também pertencentes àqueles que as *veem*. Não só olham, mas verdadeiramente enxergam.

É a partir dessas feridas que as obras nascem. São através delas, também, que me comunico. A matéria como meio condutor de uma tensão artística e psíquica que se expande a cada segundo a mais de contemplação (OSTROWER, 1987, p.27). Aproveito-me da materialidade da peça para me comunicar sem a necessidade de palavras. A cada cicatriz atribuo um significado e por esse caminho sigo até entender quando ou se devo parar.

A materialidade não é, portanto, um fato meramente físico mesmo quando sua matéria o é. Permanecendo o modo de ser essencial de um fenômeno e, conseqüentemente, com isso delineando o campo de ação humana, para o homem as materialidades se colocam num plano simbólico visto que nas ordenações possíveis se inserem modos de comunicação. Por meio dessas ordenações o homem se comunica com os outros. (OSTROWER, 1987, p.33)



Figura 8 - ferimentos em ateliê ; fotografia, 2023. Fonte: arquivo pessoal

No processo de interação com a matriz, ao compreender o momento preciso para concluir o entalhe, encaminho-me em direção à etapa subsequente: a pintura. Gostaria de salientar que, anteriormente, nas fases iniciais desta pesquisa, eu referia-me ao procedimento que agora descrevo como pintura com outra designação: o entintamento. Para uma melhor compreensão, “entintamento” é definido como “Gráfica. Ação ou efeito de entintar; tintagem” (ENTINTAMENTO, 2023). Em termos de gravura, representa o método convencional de aplicação de tinta que antecede a impressão.

A essência do que pretendo transmitir com esse relato reside no fato de que, agora, após uma evolução tanto pessoal quanto processual, o entintamento não apenas se tornou insuficiente, mas inadequado na minha prática. Cada passo, cada detalhe, não é mais concebido com o propósito de servir exclusivamente a uma prensa. A palavra não mais englobava o sentido de minha prática, aí entendi que, junto com a gravadora andava também a pintora. O olhar se tornou outro, as práticas e os métodos se tornaram outros e se aprimoraram.

A partir daí surgiam os testes com mesclas de cores, mesclas de tintas em um só rolo, aplicações diferentes mesmo que parecidas com os métodos antigos. Como dito antes, pintora e gravadora andavam juntas. O olhar todo centrado no objeto e apenas nele. A gestação final do corpo.

Na pintura encontrei mais um suporte que me ajudava a liberar muito de minha ação criativa. Nas pinceladas imaginava as ranhuras, com o pincel imaginava o rolo. Uma coisa sempre levando a outra de forma rítmica e natural. Então, a partir da junção de duas técnicas meu processo de produção se completava.

Compreender sua arte significa atravessá-la por dentro, não vê-la parada de fora. Implica em se envolver com a pluralidade de suas manifestações, referências e percepções, em detectar ecos, as ressonâncias e as reiteraões de seus temas e personagens [...]. (SEVCENKO, 200-? P.5)

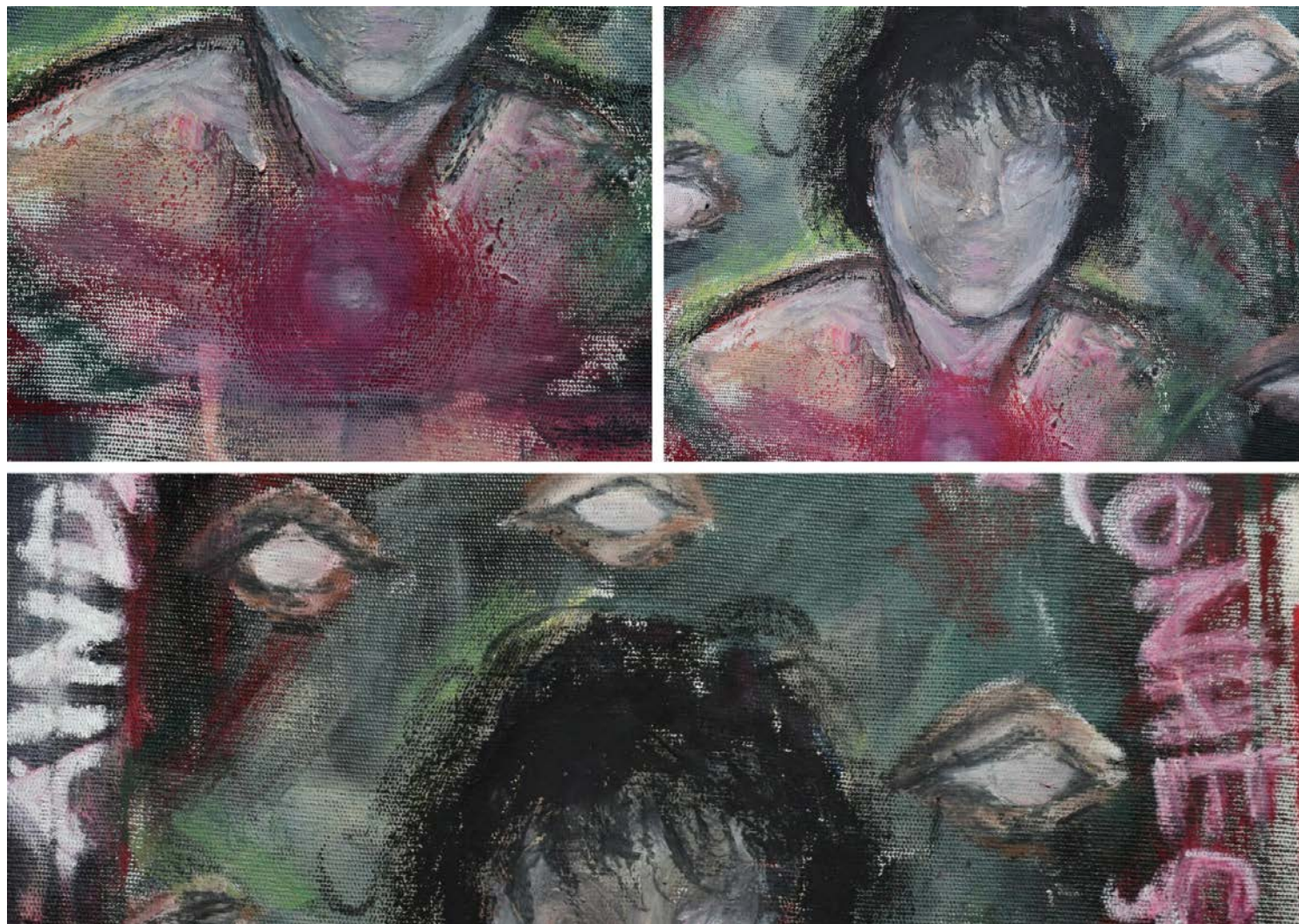


Figura 9 - sem título - 2023. Giz pastel oleoso sobre tela. 30x30 cm. Fonte: Acervo pessoal

## Do Corpo ao Corpo

"O corpo é fonte de foco de inquietações, necessidades e desejos que se transformam em práticas e hábitos ao mesmo tempo em que saciam noções de existências e alteridades na relação com indivíduos e coletividades tão diversos e complexos quanto o mundo que os constitui e os cerca."(MARTINS,2008, p.6)

É praticamente consensual que o corpo figura como uma das principais fontes de inspiração para artistas ao longo de todas as eras e localidades, transcendendo barreiras de linguagem. Desde representações literais e realistas até abstrações mais complexas, o corpo tem desempenhado e continua desempenhando um papel potente como objeto de disseminação discursiva (MEDEIROS,2008, p.31)

Entretanto, o corpo não se limita apenas à sua representação, confinado a um imaginário poético. Ele permeia o todo. Como já citado anteriormente nessa pesquisa, é a partir da ação de nossos corpos que a criação se desdobra. Um corpo conduz ao próximo, dando origem a um incessante ciclo de manifestação artística. Cada gesto encadeia-se em uma coreografia interminável, onde a expressão criativa flui de um corpo para outro.

Dito isso, quando me deparei com a temática do corpo em minhas produções, tudo pareceu muito natural, comum. Até pouco tempo eu não notava essa repetição temática e enxergava apenas como acaso. No entanto, em certo momento minhas obras pareceram gritar em uníssono "ESTAMOS AQUI! " E eu finalmente me prestei a ouvir.

De peça em peça, de produção em produção, o corpo estava ali e berrava para que fosse notado. Desde linhas até entalhes. De pinceladas até rabiscos, as formas eram sempre as mesmas: corpos. Mais um questionamento - e um dos principais - em minha pesquisa surgia: por que os corpos?



Figura 10 - compilado de corpos 2023 - fonte: acervo pessoal

Para entendermos um pouco dessa pergunta nos deslocamos novamente ao início, aos primeiros corpos que produzi e suas peculiaridades. Minhas representações tem uma particularidade estética que é o despedaço. Quando falo em despedaço podemos pensar em seu entendimento literal: corpos-fragmento. Partes desconectadas que, mesmo assim, formam um. “Fragmentações e partes do corpo, com valor de inteiro” (SARZI, 2007, p.642).

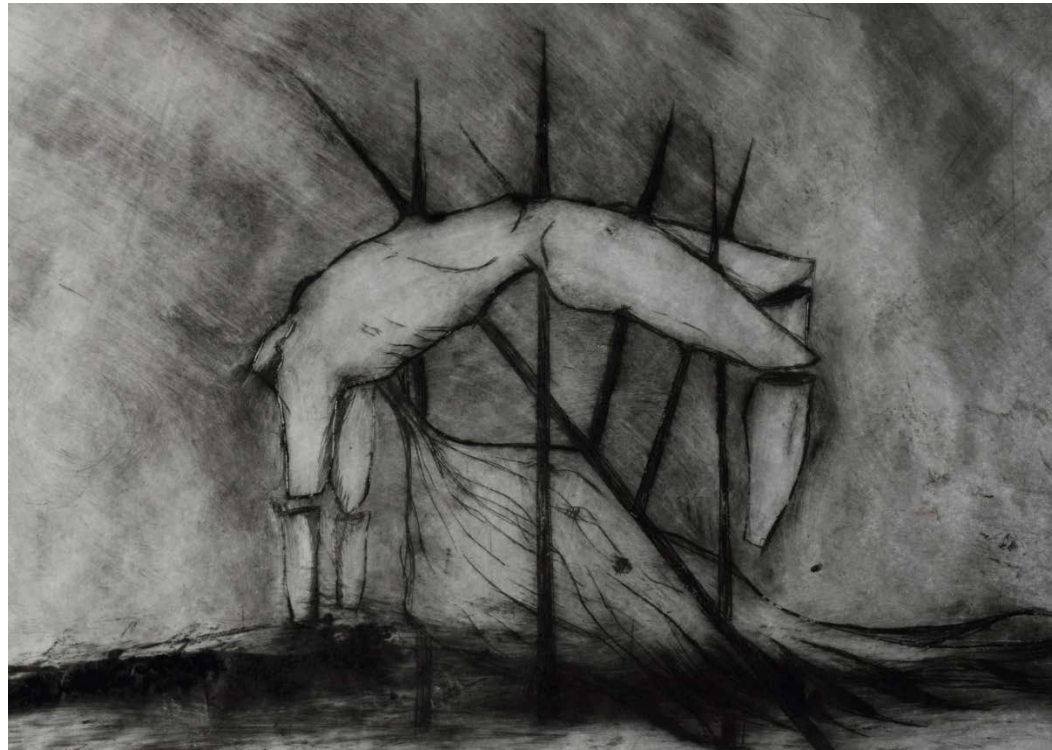


Figura 11 - sem título - 2023- gravura em metal – dimensões: 42x29,7 cm fonte: acervo pessoal

Assim, lido com a remoção do sujeito corporizado - não se tratando de um corpo específico, binário (MARTINS, 2008, p.10). Meus corpos giram em torno do ser. Não é ela, não é ele, apenas "é". Se trata da fragmentação do corpo como consequência da fragmentação do sujeito (BARRETO, 2009, p.671), pois acredito na pluralidade da existência, em corpos livres de amarras ou padrões. Corpos sendo corpos: carne, osso, sangue, músculos e vida.



Stella Vitória

Figura 12 - sem título – Stella Vitória , 2023- gravura em metal – dimensões: 42x29,7 cm fonte: acervo pessoal



*Stella Vitória*

11

Figura 13 - sem título –Stella Vitória, 2023- gravura em metal – dimensões: 42x29,7 cm fonte: acervo pessoal

Logo, quando pensamos num fazer artístico, o corpo tem a possibilidade de se tornar muitas coisas, atingir outros patamares. O corpo, no cenário artístico, voltou a ter muita importância a partir da década de 60, tendo uma explosão no ocidente na década de 90 (BARRETO, 2009, p.664). Corpos tomavam conta do cenário, sobrepujando a estética da “limpeza” visual. O corpo voltava a ser o centro das atenções, mas agora apresentava o conceito visceral, cru e explícito. Um bom exemplo é *Rhythm 0* (1974) [figura 14] de Marina Abramovic (1946), que se colocou diante do público por seis horas seguidas, disponibilizando uma gama de objetos de forma que o espectador participante os usasse e *a usasse*, como bem entendesse. A artista passou por uma série de experiências, muitas delas violentas em que seu corpo era diretamente afetado, trazendo à tona as relações de poder e abuso que nos cerca.



Figura 14 Fotografias performance Rhythm 0 (1974) de Marina Abramovic; Fonte: disponível em site Artrianon (2017)

Abramovic foi uma entre diversos artistas que utilizaram seu corpo como objeto. Até hoje esse conceito se mantém, tanto em performances, vídeos, fotografias, etc. O corpo fala e quer ser ouvido. Do corpo somos criados e com o corpo criamos.



Figura 15: foto performance "bolor "- Stella Vitória – 2023 ; dimensões: 21x29,7 cm fonte: arquivo pessoal.

Em suma, posso dizer que não sei ao certo porque os corpos surgiram em minha pesquisa, mas eles surgiram. Surgiram e tragaram todo o meu pensar e fazer e me fizeram mergulhar em ideias e devaneios que até hoje sondam a minha mente. Corpos-objetos, corpos-carne, corpos-madeira.

Produzo e falo de corpos porque quero que sejam vistos, sejam apreciados e tocados. Não busco criar uma representação fiel ou realista, mas quero que o corpo seja visto e entendido como tal. Busco aproximação e afastamento ao mesmo tempo. Para que enxerguem, preciso que se afastem e contemplem. As cores são propositais, vibrantes, instigantes e até um pouco incomodadas em contraste com o fundo branco. Crio corpos para que brilhem no espaço, para que sejam tocados, amados e odiado. Experimente meus corpos, sinta, veja, enxergue.

Por fim, apresento os corpos que surgiram ao longo dessa pesquisa. Minha última gestação dentro da faculdade, criada especialmente a partir de todos os devaneios, buscas e chafurdamentos em minha mente, em escritos e em imagens. Apresento *umbilical* em sua completude de forma, matéria e fragmento.

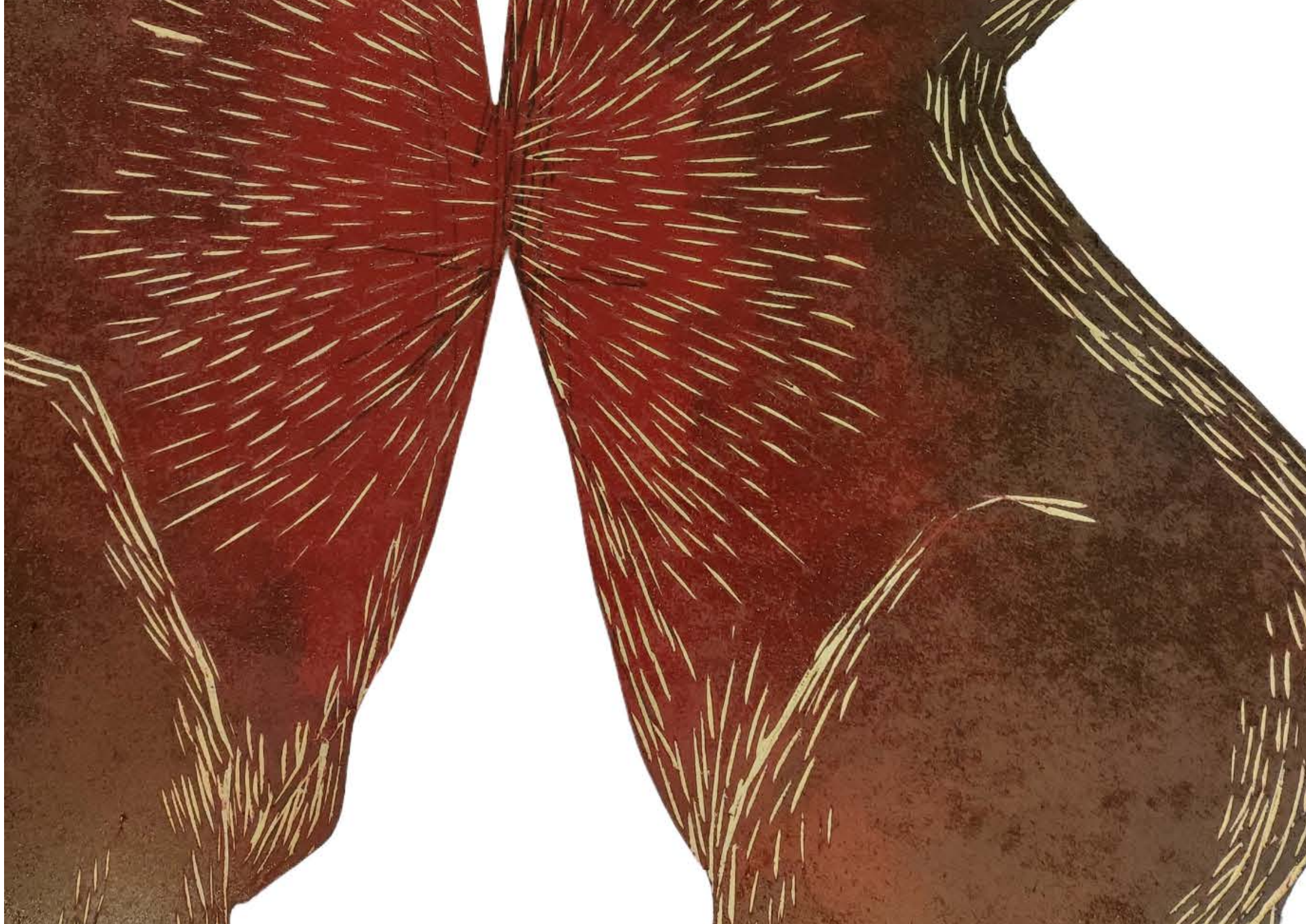


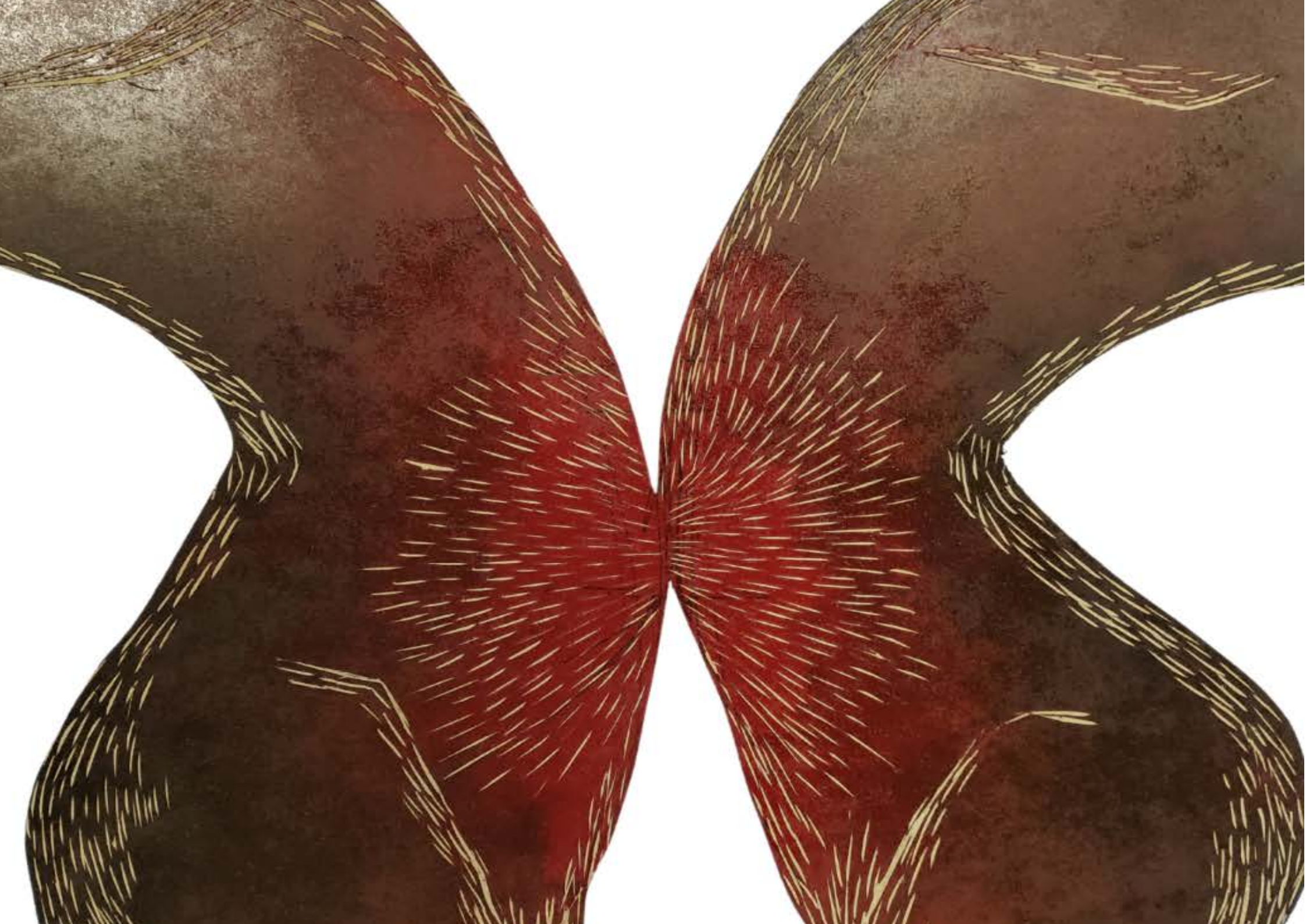
*Umbilical*

2023

1,50 x 1,50 m

Tinta gráfica sobre fibra de madeira





## **(NÃO) CONCLUSÕES FINAIS**

Bem, chegamos ao “fim” dessa jornada, caro leitor. Espero que tenha sido instigante e ao mesmo tempo confortável. Entendo que posso não ter esclarecido muitas coisas, mas no fim esse sempre foi o objetivo de minha pesquisa: Criar mais perguntas. E realmente mais perguntas foram criadas! Mais ideias surgiram e tópicos que eu ainda não sei como abordar seguem inexplorados atrás das portas de meus ateliês imaginários que, por agora, volto a fechar. Mas só por agora! Futuramente pretendo voltar as perguntas e aos questionamentos que ainda assolam minha mente. Essa jornada ainda levará a muitas salas ocultas e espero poder abri-las para todos mais uma vez.

Esse TCC, como eu disse lá no começo, foi mais para que eu pudesse falar do que para que me ouvissem, mas fico feliz aos que puderam ouvir. Como viram, é uma pesquisa curta e simples, acredito que isso seja um reflexo de mim mesma. Falo mais do escrevo e quando escrevo quero que seja apenas sobre o que sei bem para que eu me faça entender. Então, se em algum momento algo pareceu faltar, me desculpe! Mas falta porque ainda não sei as respostas.

Ao longo dessa pesquisa encontrei coisas sobre o eu-artista que nem imaginava que existissem. Encontrei criatividade em momentos obscuros; encontrei habilidades novas e outras esquecidas; encontrei ideias, confrontos e devaneios sem fim. Tive a oportunidade de estudar novos e velhos artistas e pesquisadores. Transitei entre passado, presente e futuro até chegar aqui.

Entendo agora que produzo matrizes e apenas elas porque as impressões não me servem, não me completam e, por vezes, não me agradam. As matrizes preenchem os espaços que as impressões nunca chegaram a sequer tocar e quero explorar mais esses espaços que surgem a todo momento.

Nessa pesquisa localizei meus objetos artísticos e meus desejos; investiguei textos, artistas, produções próprias e a mim mesma para que pudesse desenvolver o que foi apresentado durante todo esse relato. Analisei, escrevi, produzi e cheguei até aqui, momento em que apresentei tudo o que compilei dessa jornada.

Ainda quero entender mais sobre os meus corpos, seus formatos, cores e tamanhos e o porquê deles me serem tão preciosos. Quero entender mais sobre obra, espaço, expectador e matrizes. Quero encontrar mais pessoas que pensem como eu e poder exaltar seus nomes por onde passo. Quero muitas coisas, como podem ver! Mas a jornada está apenas no começo. Se amanhã ainda farei arte, não sei, mas sei que a artista sempre existirá.

**Referências bibliográficas:**

BARRETO, José Henrique. **O CORPO COMO ESPAÇO DE TRANSITO ENTRE A MEDICINA E AS ARTES VISUAIS**. 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais – 21 a 26/09/2009 - Salvador, Bahia

ESTIVALET, Luciana. **Os desafios da matriz de gravura como obra**. Revista Valise, Os Desafios da Matriz da Gravura como Obra, Porto Alegre, V.1, N.1, 01 de julho de 2011.

MENDONÇA, Adriana Aparecida. **Impressões: Experimentação com gravura em livros de artista e fanzines**. 2018. 340f. Programa de pós-graduação em Arte e Cultura Visual na UFG, Goiânia, 2018.

**O imaginário do corpo: entre o erótico e o obscuro: fronteiras líquidas da pornografia** / Afonso Medeiros (org.); Raimundo Martins (ed.). – Goiânia: FUNAPE, 2008. 1v. – (Coleção desenredos; 4)

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da Estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PAREYSON, Luigi, 1918-1991. **Estética: Teoria da formatividade**/ Luigi Pareyson; tradução de Ephraim Ferreira Alves. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: B. Brites; Tessler, Elida (org.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: E. Universidade/UFGRS, 2002. p.123-140.

SARZI-RIBEIRO, R. A. **A Figura Humana Fragmentada na Pintura: Tiradentes esquartejado em Pedro Américo e Adriana Varejão**. 2007. 138p. Dissertação (Mestrado) – UNESP – Instituto de Artes, São Paulo, SP.

SEVCENKO, Nicolau. **ANA MARIA PACHECO**. Goiânia - GO: Caraguatatuba. SP Museu de Arte Contemporânea de Goiás, 199- ?. Realização: Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira – AGEPEL.

VENEROSO, M. do C. de F. (2013). **O campo ampliado da gravura: suas interseções e contrapontos com a escrita e a imagem no contexto da arte contemporânea**. PORTO ARTE: Revista De Artes Visuais, 19(32).

FIGURAS RETIRADAS DE SITES:

**[Figura 16]** Fotografias performance Rhythm 0 (1974) de Marina Abramovic; Fonte: disponível em: <https://artrianon.com/2017/10/10/obra-de-arte-da-semana-performance-ritmo-0-de-marina-abramovic/> , 2017.

**FAV**

FACULDADE DE  
ARTES VISUAIS



**UFG**  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE GOIÁS

The background of the cover is an abstract artwork. It features a dark, textured, layered structure on the left side, resembling a cross-section of a tree trunk or a stack of wood. The texture is composed of numerous fine, parallel lines in shades of brown and black. This structure is set against a dark, reddish-brown background that transitions into a deep blue or purple at the bottom. The overall composition is layered and textured, with a strong sense of depth and materiality.

# MATRIZ-OBJETO: UM OLHAR AO ANTES

STELLA VITÓRIA VIEIRA DE URZEDO